

## RESENHA

---

VIRILIO, Paul. *L'administration de la peur*. Paris: Textuel, 2010, 94pp.

Filósofo, urbanista, professor emérito da École Spéciale d'Architecture de Paris, detentor de uma linha de pensamento heteróclita e fundada em saberes que vão do urbanismo à filosofia, passando pela economia e a política, Paul Virilio é um dos nomes mais eminentes, mundialmente, no cenário intelectual. Além disso, é autor de trabalhos visionários sobre tecnologia e velocidade, e sobre a realidade proveniente deste encontro, o que ele nomeia de *dromosphère*. Dos títulos que compõem e representam seu quadro de ensaios, temos a oportunidade de dizer sobre um dos seus mais recentes empreendimentos teóricos: *L'administration de la peur* (2010), ainda sem tradução para o português.

A *administração do medo* é mais uma entrevista concedida pelo filósofo francês à editora Textuel (Paris), e que compõe a série “Conversations pour demain”. A primeira entrevista concedida por Virilio à Textuel foi realizada por Philippe Petit, e publicada em 1996, sobre o título *Cybermonde: la politique du pire*. Agora, a presente entrevista, conduzida por Bertrand Richard, tem o objetivo de verificar o que mudou ou permaneceu no pensamento do urbanista durante estes catorze anos.

Logo no prefácio do livro, Richard relata que nos dias de hoje há um jogo de cunho sociológico e moral que inverteu o campo dos valores para fazer do medo não apenas um sentimento legitimado, mas mais ainda: uma espessura temperamental suplementar, um signo de sabedoria, um instrumento do pensamento, uma propedêutica (p.8). Nessa linha, o caos climático, pânico na bolsa, fobias alimentares, ameaças pandêmicas, colapsos econômicos, ansiedades congênitas, crises existenciais e diversos outros medos, individuais e coletivos, apresentam uma dinâmica própria, na qual a desculpabilização possui razões históricas, filosóficas e políticas, além de uma série de motivações, das quais podemos destacar o questionamento dos valores tradicionais, a desconstrução dos grandes relatos, o progresso das ideias

individualistas e o desabamento das instituições que protegem tradicionalmente o indivíduo contra os riscos da existência: a Igreja, a família, os sindicatos, ou até mesmo um Estado providente e poderoso.

O que explica a propagação contemporânea do medo, segundo Richard, é um duplo fenômeno. De um lado, o questionamento da capacidade da ciência e do progresso em prover a segurança e a felicidade da humanidade após as violências do século XX e a nuclearização do mundo, e por outro, a difusão do pensamento do filósofo alemão Hans Jonas, que toma nota destas atrocidades e faz do medo um verdadeiro “princípio heurístico”, ou seja, para pensar adequadamente o mundo é preciso começar pelo medo.

Nesse sentido, vemos que Richard contextualiza a dinâmica do medo, para pensá-lo como princípio fundador e central na articulação do histórico, do filosófico e do político. Assim, a entrevista de Virilio, apresentada em três capítulos, presta um esclarecimento indispensável para se compreender este contexto recordado pelo entrevistador neste prefácio, ao mostrar que a interpretação do mundo contemporâneo se funda em uma visão do real extremamente original, e, por vezes, enraizada e descentrada, visto que o que se resta a fazer é *administrar o medo*. Dessa forma, de um lugar específico de reflexão, o das ciências da linguagem, o que nos interessa desta conversa entre Richard e Virilio são os deslocamentos efetuados pelo filósofo em sua linha de pensamento e uma compreensão sobre o funcionamento dos sentidos em torno do medo que nos possibilita vê-lo como um verdadeiro acontecimento de linguagem<sup>1</sup>, e também de forma metaforizada para se pensar o mundo de hoje e a sua relação com a velocidade e a tecnologia.

O primeiro capítulo intitula-se “O terror é o cumprimento da lei do movimento, Hannah Arendt”, e como ponto de partida o filósofo francês é questionado sobre o que ele entende por “administração do medo” (p.15). Como resposta, Virilio responde que utiliza o termo para significá-lo de duas formas. Primeiramente, o medo é um ambiente, um meio, um mundo, o medo não apenas preocupa, ele também *ocupa* um lugar. Por outro lado, o medo é também um fenômeno ligado aos acontecimentos localizados, identificados e circunscritos no tempo: guerras, fome, epidemias etc. Desse modo, vemos que para o autor o medo significa enquanto algo que é especificado, ele habita um lugar, e enquanto um fato no tempo, o que permite que o desloquemos da categoria de sentimento, para pensá-lo como metáfora: “o medo é

mundo, *pânico*, no sentido de ‘totalidade’” (p.16). Além desse sentido, a administração do medo significa também que os Estados são tentados a fazer do medo, de sua orquestração, de sua gestão, uma política: os Estados buscam assegurar aos cidadãos, convencê-los de uma segurança corporal. Assim, uma dupla ideologia, sanitária e de segurança, realiza-se ao fazer pesar as reais ameaças sobre a democracia.

Dessa forma, vemos funcionar por um lado uma espessura física, de sustentação do medo, que é espacial e temporal, e por outro o aspecto ideológico, que o administra, e é assim que o medo se materializa e passa a significar no pensamento de Virilio: uma ocupação física e mental.

Na formulação desse pensamento, a velocidade (*la vitesse*) e a tecnologia, categorias fundamentais para o filósofo, são outros aspectos que serão colocados em questionamento pelo entrevistador. Ao que o urbanista articula em resposta: o medo e sua administração são hoje sustentados pela incrível difusão, e propaganda, das tecnologias do tempo real, essencialmente as novas tecnologias da informação e da comunicação (p.17). Nesse sentido, a dominação técnico-científica reproduz todas as características da ocupação, física e mental, do medo.

Duas referências são fundamentais para Virilio, e as quais não poderíamos desconsiderar. A primeira é o livro de Graham Greene, o “*Ministère de la peur*”, visto que este título faz eco direto com o título da entrevista em tela. E a outra, a qual o urbanista se deterá mais, é a pensadora alemã Hannah Arendt, de quem o autor retirou a frase que nomeia o capítulo: “o terror é o cumprimento da lei do movimento”.

Da mesma forma que a filósofa, Virilio compreende o terror não apenas como um fenômeno emocional e psicológico, mas como um fenômeno físico, no sentido da ciência física, e da cinética, o que faz dele um fenômeno ligado ao que ele nomeia “aceleração do real”. Por “lei do movimento”, Arendt entende o fato de que se deve relacionar o terror à vida e à velocidade” (p.22), o que o autor diz ser autorizado pela tecnologia. Assim, a “lei do movimento”, teorizada por Arendt é a lei da velocidade.

O autor reforça o fato de haver também o “equilíbrio” do terror, o que para ele é o coração, o princípio gerador da administração do medo. O filósofo diz que o equilíbrio do terror está sobre tudo e, concretamente, é um equilíbrio militar que repousa sobre a indústria de

armamento e sobre o complexo da ciência. Para Virilio, quando a ciência começa a se militarizar após a guerra de 1914 com os gases de combate, e, literalmente, com as bombas jogadas em Hiroshima e Nagasaki, têm-se aberto o espaço do medo cósmico. Logo, vivenciamos nos dias de hoje a era do equilíbrio do terror.

É por conta deste estado de equilíbrio do terror, esta operação de alternância que articula o desenvolvimento da ciência com a velocidade, a instantaneidade causada pelos avanços da tecnologia, principalmente da comunicação e transmissão de informação, que se coloca em primeiro plano o tempo real, o *viver*, em detrimento do espaço real, ou seja, o espaço real da geografia está ligado ao tempo real da ação humana e assume caráter secundário perante este (p.31).

Virilio, para finalizar este primeiro capítulo, chama atenção para uma última distinção, entre progresso e a propaganda deste. Para o urbanista o progresso foi contaminado pela propaganda, e é a esta que o filósofo é contra. O que acontece hoje é que a propaganda substituiu o progresso, e ela propaga uma realidade aumentada, uma realidade acelerada, o que favorece a ocupação do medo.

O segundo capítulo intitula-se “Administrar o medo: para uma dissuasão civil”, no qual o urbanista inaugura dizendo que a questão do medo é polissêmica. Segundo Virilio, o medo surge em um momento histórico em que os três grandes medos (o equilíbrio do terror com a bomba atômica, o equilíbrio do terrorismo com a bomba informática e o grande medo ecológico com a explosão da bomba genética) manifestaram um extraordinário poder de condicionamento. No entanto, por trás desta influência, temos apagado o poder de uma ideologia. O que se apaga neste caso é a propaganda do progresso, ou seja, a questão da velocidade e de sua violência. É esta ideologia da velocidade, apagada, que é portadora do medo e do terror, é esta que causa o condicionamento. Assim, diz o filósofo, se tempo é dinheiro, a velocidade é o poder, a essência do poder (p.44), e, portanto, como não ter medo do poder, da ubiquidade, da instantaneidade, que são na origem, significativamente, os atributos do divino?

Desse modo, diante da aceleração da vida cotidiana, o medo torna-se, em tempos de paz, um ambiente (*environnement*). Assim, habitamos o acidente do globo, o acidente de sua instantaneidade, de sua simultaneidade e da interatividade o que implica sobre a sua atividade ordinária (p.46). É nesse sentido, inclusive, que se pode pensar que para

Virilio habitamos o tempo. Ao tornar-se um ambiente, no sentido em foi realizado a fusão do securitário e do sanitário, o medo, ou a propaganda do progresso nos preocupa permanentemente, e nos ocupa perpetuamente. Desse modo, o sujeito está em uma situação de *ocupação* nos dois sentidos do termo, temporal e marcial. Esta ocupação que monitora, telesupervisiona, sonda, testa e avalia sem cessar está cada vez mais presente, e é cada vez mais aceita como uma fatalidade, um destino.

Se no primeiro capítulo Virilio falou de uma primeira dissuasão, militar (o equilíbrio do terror), neste segundo capítulo ele centra em uma segunda dissuasão, civil. Para o urbanista, hoje, face ao desequilíbrio do terror, a tentação é grande para os diversos poderes militares ou civis de instaurar uma dissuasão civil, ou seja, um estado de medo que permita congelar as situações sociais conflituosas. Assim, a insegurança social contemporânea se liga à insegurança do território da contração temporal. Este estado de dissuasão civil, por sua vez, está próximo de por em questão a democracia.

Para o filósofo, estamos vivendo a era da substituição e da repulsão. Nesse sentido, o medo gerou não apenas seu ambiente, com os guetos, as comunidades fechadas, o comunitarismo, mas também gerou sua cultura, uma cultura da repulsão, o que vai junto com o racismo e a rejeição ao outro.

Para finalizar o capítulo, o autor diz que há uma detenção que vive diante de nós. A claustrofobia de massa que invoca povos é uma das razões do grande medo ecológico, que se caracteriza notadamente pelo receio de um planeta incapaz de assegurar nosso desenvolvimento (p.67). É por isso que o movimento, o escape, o êxodo, tornam-se fenômenos permanentes. A única solução diante disso é mover constantemente ou ainda fugir definitivamente.

O terceiro capítulo recebe o nome de “Novos medos, novos combates”. O filósofo inaugura o capítulo dizendo sobre a velocidade, umas das palavras-chave do seu pensamento como notamos pelo decorrer da entrevista. Para Virilio, o drama da nossa sociedade atual, esta ocupação do medo, está fundado sobre a velocidade. Para ele o próprio da velocidade é que o seu sucesso é o seu dano, é o sucesso em ser veloz que leva ao catastrófico.

Para o urbanista, a ciência está no início de um verdadeiro craque sistêmico, de um coma filosófico. Perante isso, o autor propõe uma

universidade do desastre. Trata-se de um convite a fazer conhecimento na era da velocidade. Visto que o grande medo ecológico combina três poluições: poluição de substâncias, de distâncias e de conhecimentos, considera o autor sobre este ponto: “O mundo do futuro será uma luta cada vez mais cerrada contra os limites de nossa inteligência” (Norbert Wiener). Segundo Virilio, a aceleração do real é tal, que os pensadores de um passado longínquo não poderiam nos ser muito úteis, mesmo com a extraordinária riqueza de seus pensamentos, pois a filosofia antiga não ajudaria a abordar a questão do fim do globo, da grande detenção da consciência, o que para o autor impõe a constituição da universidade do desastre. A questão da velocidade é uma questão eminentemente moderna e até mesmo pós-moderna se considerarmos a velocidade limite, que é majoritariamente nossa realidade com o numérico e os calculadores de altas frequências.

Por conta desta velocidade limite, Virilio receia qualificar o tempo atual de contemporâneo, ele qualificaria mais facilmente a sequência na qual somos calcados de in-temporânia, no sentido em que o nosso regime de velocidade não se situa no quadro da tripartição habitual passado-presente-futuro: a instantaneidade é outro mundo e outro tempo (p.80). Se o século XX foi o século das revoluções técnico-científicas, há agora a necessidade de uma revelação filocientífica, ou seja, a convergência de futuros Berson e de futuros Einstein, e que desta vez eles se entendam.

Neste questionamento, Virilio é levado pelo entrevistador a esclarecer um outro ponto que nos interessa bastante: o divórcio entre as ciências exatas e as ciências humanas. Para o filósofo, a causa deste divórcio é o fato, segundo ele, de que a ciência é militarizada, ou seja, seu objetivo não é ser simplesmente conhecimento, mas conhecimento de potência *final*. Por conhecimento final compreende-se o fim do mundo e o fim da vida. Tudo objetiva substituir a filociência à tecnociência, e redescobrir o Outro da filosofia e da ciência, que eram unidos em sua origem. É por isso, inclusive, que o autor fala em revelação e não em revolução. No que esta questão toca a do medo, Virilio crê que o medo contemporâneo está igualmente ligado, para o homem de ciência, à questão das ciências experimentais. O problema gigantesco está no fato de que o homem não pode experimentar a natureza do progresso. Há um limite experimental, uma privação da

experiência, que abre caminho para a magia, para a figura do louco sábio e o desenvolvimento da *philofolie*.

Outro ponto destacado pelo entrevistador é o fato das pesquisas atuais se voltarem sobre o vivente. Virilio chama de bomba genética o fato da ciência, por meio de tecnologias, decodificar o genoma humano e impulsionar um fenômeno de industrialização da vida, após a industrialização da morte. A questão que se coloca é a de uma verdadeira diferença entre humanos. Não diferença de raças, mas ontológica, entre aqueles que serão de sangue e espermatozoides e aqueles que nascerão do cálculo e da bioengenharia. Esta ruptura entre estes dois tipos de humanidade será infinitamente grave, pois será irremediável e incontestável, ao contrário da antiga oposição entre selvagens e civilizados. Visto isso, podemos esperar que a discriminação seja em proporções desastrosas.

Para finalizar a entrevista, Virilio chama a atenção do leitor para um dito popular: “O medo é o pior dos assassinos, ele não mata, ele impede de viver”. Esta é a definição da dissuasão civil que o filósofo evoca no decorrer da entrevista. Assim, as manifestações da administração do medo são incalculáveis, e estão, como percebemos pela entrevista, no nosso cotidiano.

Então, ressaltamos que a questão do medo, como propõe Virilio, configura-se para nós como um acontecimento, pois vemos na caracterização do medo, no deslocamento da categoria de sentimento para um modo de ocupação, física e mental, no espaço e no tempo, primeiramente, que ele é afetado e experienciado por meio do simbólico: trata-se de uma materialidade histórica do real (Guimarães, 2002). Segundo, o medo temporaliza. Virilio nos mostra que o sujeito é tomado na temporalidade (*ibidem*) do medo, do acontecimento. Por haver um regime de velocidade que impede a tripartição habitual passado-presente-futuro, vemos que a questão do medo atual abre em si uma latência de futuro, que é administrável, ocupa e significa, pois recorta como memorável outras enunciações, outros acontecimentos.

Podemos concluir também que, nesta entrevista, Virilio abre um espaço interessante para pensarmos o medo como algo que é próprio da produção de sentidos na linguagem, como uma metáfora. O medo, no sentido que é pensado pelo urbanista, como ocupação física e mental, produz pontos de visibilidade no acontecimento discursivo de uma subjetividade histórica. Ao explicitar uma certa dinâmica do

funcionamento do medo, de sua administração, desde o momento de instauração e estado de equilíbrio do terror, com a bomba atômica sobre Hiroshima, passando pelo desequilíbrio do terrorismo com a bomba informática e finalizando com o grande medo ecológico com a angústia de uma explosão da bomba genética, Virilio nos leva a refletir sobre o medo como um processo sócio-histórico de construção de sentidos. A partir dessa dinâmica, afetada por uma singularidade histórica, nota-se que o medo constitui-se em um sentido metafórico, de *ocupação*, no qual o filósofo, ao trabalhar com o equívoco, atravessa as evidências do imaginário e as barreiras do já estabelecido.

**Anderson Braga do Carmo**

Doutorando em Linguística  
Universidade Estadual de Campinas

## Notas

---

<sup>1</sup> Pensamos o conceito de acontecimento tal como propõe Guimarães em *Semântica do Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.